

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



A moda, minhas leitoras, não é como dizem os velhos rabujentos — uma idéa das cabeças oucas — uma filha da vaidade das mulheres — ou um elemento de *coquetterie*. E' como vós todas o sabeis — um grande pensamento, um resultado da força do progresso, um elemento de decencia, de bom gosto, de perfeição, e do bello em materia de *toilette*.

Não é racional e philosophico que, quando tudo progride, devão tambem progredir os meios de se trajar — e de se pentear — com belleza e commodo ?!

E essa colleção de novos meios, que a imaginação descobre para esses fins, é o que se chama em todos os paizes — *moda*.

O bello é uma idéa tão verdadeira, como é o justo e o util: é talvez mesmo esse brilho que resulta da combinação dessas duas ultimas idéas.

Não será justo pois, já que a mulher deve usar de vestuario, que ella procure sempre o modo de adornar-se cada vez mais lindamente, para assim agradar á sociedade, que é uma parte de sua missão na terra — pelo menos a que os homens lhe concedem ?!

Não será util esse trabalho da imaginação, á que ella se dá, de aperfeiçoar os meios de apparecer o mais bella possível aos homens? não será util vel-a antes assim embellecida do que

entregue muitas vezes aos defeitos da natureza, á fealdade? não será util buscar-se as commodidades com elegancia, a simplicidade com encantos ?!

Por certo. Se a moda pois é justa e util, e essencialmente bella, a opinião dos velhos não pôde prevalecer. Estacionarios por conveniencia propria, pois o dia de amanhã é um degráo de mais que descem na escada do tumulo, tão coherentes com seus interesses em pensar assim sobre a moda: preguiçosos e convencidos de que nada ha que lhes possa tirar a corcova do corpo, as rugas do rosto, e os *rarinantes* cabellos grisalhos, deixarão de ser egoistas, condição essencial da velhice, se pensassem de outro modo.

Assim pois, minhas leitoras, não julgueis que a moda não é uma cousa séria; tão seria como os *melhoramentos materiaes* de um paiz, como as etiquetas diplomaticas, como as boas idéas em politica, em moral, em jurisprudencia, em physica, etc., etc.

Não é uma cousa futil e só propria dos salões: é de todos os logares, da casa, de passeios, de *rendez-vous*, de visitas, de bailes, de theatros, de corte, e tambem dos templos, dos conventos e até dos tribunaes.

Vede por exemplo a golla verde do promotor publico, a beca do advogado, o arminho do presidente do jury, que aspecto diverso lhes dá em

suas funcções, daquelle que têm com a casaca com que vão ao Club, ao Paço e aos enterros.

Sei disso, porque me dizem, que ainda assim não os vi.

Tudo isso trouxe para provar-vos que agora, em tempo de quaresma, tendes obrigação de ir á Igreja toda e penteada á moda.

Ha apenas uma differença: que quando ides nos sabões tendes de agradar aos homens; quando ides ao templo tendes de adorar a Deus.

Para ali o luxo, a sumptuosidade, os enfeites de toda casta, contanto que sejam apresentados pela moda; para aqui o vestuario modesto e grave, as côres que se condigão com o respeito de-

vido ao altar, os adornos simples e sérios; mas que sejam julgados taes da mesma sorte pela moda — unico juizo competente, unico conselho que deveis seguir, e de que o *Jornal das Senhoras* é o echo.

Embora a discordancia das épocas de Paris e de nossa terra, que me faz apresentar-vos figurinos improprios para o tempo de agora, visto que ermos seguir a ordem pela qual elles vão seguindo, contudo eu vos tenho dado meios de trazer com *propreté* quando quizerdes ir ao templo.

Mas o figurino que vos offereço hoje é de baile: véde a novidade desse vestido.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE BAILE. — Penteado. Bandós fofos ondeados.

Corça de rosas de musgo e junquinhos. As rosas formão ligeiramente a Maria Stuart adiante, e grupão-se em grossos tufos aos lados, os quaes tufos se perdem atraz, pendendo sobre as costas e peito a folhagem dos junquinhos.

Uma riquissima barba de blonde, bordado guthico, se envolve entre as flores e o cabelo do lado esquerdo e cahe para atraz em duas pontas, uma mais comprida que a outra.

Vestido em *moiré rose* e blonde branco.

O corpo (que offerece uma grande novidade) estabelece-se em um outro corpo perfeitamente justo, decotado e um pouco espartilhado para a cintura.

Sobre este corpo háo-se quatro ordens de bandas de *moiré rose*, de debum liso, dispostas um pouco em V tanto adiante como nas costas, e são separadas por entremeios de blonde da mesma largura.

Uma blonde dentada ligeiramente sustido forma um pequeno volante em volta da cintura.

As mangas em *moiré rose* são fofas e muito curtas, que lhe dão um bello aspecto.

A saia, da mesma seda, é quasi inteiramente coberta por dous ricos volantes de delicados desenhos. Estes dous volantes são regaçados ao

lado direito e sustidos por um ramo de rosas de musgo.

Pequeno ramo de rosas de musgo na cintura.

Lenço d'Alençon.

Sapatos de setim branco.

TOILETTE DE PASSEIO. — Chapéo de veludo ornado de pennagem de cysne. Bandós de cabellos um pouco ondeados.

Collete Moise, de veludo preto com desenhos impressos e bordados fantasticos, grade e franja de seda.

Este modelo todo novo é de uma grande distincção pela uniao do estampado e dos bordados ao mesmo tempo.

Vestido de tafetá fantastico, coberto de dous volantes, um que parte quasi da cintura e outro que desce até abaixo.

O primeiro volante é guarnecido em baixo por uma banda de veludo preto, de desenhos estampados e bordados, igual ao veludo do *Collete Moise*.

O segundo volante é guarnecido pelo mesmo gosto; mas a barra de veludo deste volante é mais larga que a do primeiro.

Cabeção quadrado de recórdado, de renda flamega.

Botinas de sola grossa.

EXEQUIAS EM S. FRANCISCO DE PAULA.

Na noite de 3 e na manhã de 4 do corrente tiveram lugar, no magnifico templo de S. Francisco de Paula, as exequias mandadas celebrar pelos cidadãos portuguezes residentes nesta corte, em honra da memoria de sua Augusta Soberana, a SRA. D. MARIA SEGUNDA.

Se as demonstrações de fidelidade e adhesão são sempre gratas aos corações cheios de respeito patrio, mais orgulhosos se devem tornar os subditos quando procurão curvar-se humildes e reverentes ante um monumento erigido no recinto do santuario ás virtudes que ornarão a

alma de quem só soube mostrar-se rainha mostrando-se a mais desvelada e carinhosa mãe de seus subditos.

Os subditos portuguezes mostraro-se ainda uma vez dignos da patria que os recebeu no mundo, prestando á memoria da nossa Rainha de Portugal o mais solemne e sagrado tributo de sua sincera saudade.

O aspecto exterior do templo prendia a attenção do numerooso concurso de cidadãos de diversas nacionalidades e posições, ao tempo que os tristes bronzes das torres genião compas-

sados, como se fossem a harmonia resultante das vibrações melancolicas que a descarnada mão da morte desferia das mais delicadas cordas dos corações que se concentravam na commemoração de tantas virtudes ante a magnificência de pomposo mausoléu.

O templo trajava as galas mais ricas da morte, e o outro, que brilhava em fitas sobre o luto, parecia lagrimas que as paredes do templo deixavam deslizar-se sobre as sedas que as cobriam.

No meio do espaçoso corpo da igreja se elevava a mais elegante e rica architectura formando um mausoléu de delicado gosto e notavel magnificência. Sobré uma base de cerca de dez palmos de altura, formando um quadrado de tres braços, elevava-se em cada um dos angulos um grupo de quatro columnas doricas, que sustentavam capiteis do gosto da architectura grega, servindo de base a um nicho, em cujo cimo uma estatua dourada do Anjo da Guarda terminava o elegante monumento na altura das cimallas que terminam as paredes do templo. Na base estavam collocadas dezesseis grandes estatuas douradas, symbolisando todas as virtudes que ornavam a alma de tão chorada Rainha, de tão adorada Mãe, de tão extrema Esposa.

Fitas de ouro enrolavam-se em espiral pelas columnas, e estendiam-se em abundancia a brilhar sobre o campo negro das diversas peças do mausoléu; mas o seu brilho era grave como o permittia a bem disposta illuminação, que não abundava em numero de luzes, como imprópriamente temos notado em outros monumentos desta natureza. E que o genio artistico do architecto comprehendeu perfeitamente o caracter de sua obra, e o dispoz de modo a acompanhar os pensamentos e as impressões indefiniveis, mas graves e sinceras, que mil corações sentiam naquelle recinto. A poesia artistica comprehendem que o brilho de sua producção de gosto tão particular consistia mais na expressão de dolorosa veneração a lembrança de tantas virtudes que transluzia ainda no retrato que pendia do capitel a mostrar-se á veneração, envolto em um manto negro sob uma coroa real, do que no fulgor artificial de mi-

lhares de tochas que se queimassem em sua honra.

E, com effeito, a claridade apenas sufficiente, produzida por negras tochas ornadas de finos espiraes dourados, deixará o templo apropriadamente disposto, ás imaginações para se consagrarem á veneração; á todos os corações para exalarem as magoas pungentes da saudade, á todos os labios para articularem orações a Deus pela alma que chamou á si; á todos os olhos para pagarem o tributo de uma lagrima para humedecer os alicerces do monumento consagrado á SRA. D. MARIA SEGUNDA.

E as imaginações se consagraram á veneração ante as galas mortuarias; os corações exalarão magoas de saudade na contemplação do retrato Augusto; todos os labios articularam orações ao ouvir o psalmear dos sacerdotes; todos os olhos emfim sentirão escoar-se-lhes furtiva uma lagrima ao som da orchestra; que executava um hymno de veneração; cujas notas pareciam abafadas pelos anjos que as colhião para ir depol-as junto da alma que o Senhor tirára da terra; mas que a terra venerava e honrava respeitosa.

Não tomaremos sobre nós o encargo de fallar das virtudes da Rainha de Portugal; que não poderíamos encontrar no mundo quem as ignorasse para contal-as, e que mais patentes foram ainda no elegante e pathetico discurso que ao illustrado conego Barboza França coube ainda esta vez a honra de proferir do alto da tribuna sagrada.

Fallão-nos as habilitações scientificas para descrever a pompa desta funebre solemnidade, e o gosto excepcional do monumento erigido sob a direcção do distinto architecto, o Sr. Bittancourt; o qual quizeramos ver realiado em obra duradoura, que lhe conservasse a memoria do seu nome.

Só podemos, e compete-nos louvar, a dedicação e profundo respeito que nos corações portuguezes é innato pelos seus monarchas; e que fazem o mais brilhante ornamento e são a garantia da nacionalidade Portugueza.

Alina.

UM AMOR DE MULHER.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 9.)

A ultima carta que recebi do romancista não era propriamente uma carta — tinha o titulo de *Postscriptum*.

Não havia por certo que estranhar. Uma carta tão longa devia ter um *Note Bene* em proporção. Como porém foi-me entregue em dias diversos, por um móço que trazia-me tambem um recado de Petropolis, julguei que fosse uma segunda carta, do que depois reconheci o erro.

Hoje, não sei quantos de Janeiro do anno cor-

rente, quando menos esperava, entrou-me pela casa dentro um sujeito, que me procurava: era o tal que me tinha trazido o *postscriptum* — conheci-o logo. Mandei-o entrar para o meu quarto, offereci-lhe uma cadeira, e esperei pelo que ia me dizer.

— Um moço que está hospedado no Hotel Suisso em Petropolis, começô elle, incumbiu-me de dar um recado ao Sr. X. Y.

— Estou ás suas ordens, respondi-lhe eu.

— Previno de já, tornou elle, que o recado é comprado, e versa, pelo que pude perceber, sobre a continuação de uma scena de um romance.

Percebi logo o que era, e minhas leitoras o terão percebido da mesma sorte que eu. Não pude deixar de rir-me do modo extravagante por que o romancista me ia contar a continuação do dia da reunião em casa de Cecilia.

Realmente só lembra ao meu preguiçoso escolher um homem desconhecido, inteiramente alheio á historia que me estava narrando, para incumbil-o de contar-me o resto de um capitulo, de que nem sequer sabia o começo. E isto sómente por preguiça de escrever!

Prophetisei logo uma confusão enorme no que o tal senhor me ia dizer, principalmente já tendo passado alguns dias sem que elle tivesse cuidado disso, o que naturalmente o teria feito esquecer-se de alguma cousa.

Mas, com grande pasmo meu, satisfiz á todas as minhas perguntas, como se fosse o proprio romancista.

Elle puxou por um papel, deixou cahir a cabeça sobre o peito, e começou deste modo:

« Esse moço de que fallei ao Sr. X. Y. recomentou-me que começasse o recado dizendo-lhe que, n'um *postscriptum* que elle tinha escripto ao senhor, havia ficado no momento em que Fernando, Lucila, Constança e Julio, tinham entrado de volta do caramanchão na sala de visitas, onde iam participar do jogo — *le mot en veloppé*; mas que, quando chegarão, já se estava na sentença das prendas, donde elles por convenção entrarão com duas prendas cada um.

Ahi o recadeiro olhou o seu papel de apontamentos, e eu tive bem medo que elle não se perdesse. Passado porém um segundo elle continuou calmamente:

« Depois de sentenciadas muitas prendas, perguntou o mestre do jogo ao ultimo dos condemnados, que era Lucila: — O que se ha de fazer ao dopo ou dona desta prenda?

« Ella respondeu: — Quer homem, quer mulher, vá preso para a berlinda.

« O mestre do jogo abriu a mão, e appareceu-lhe na palma um anel de cabellos. — De quem é? perguntou elle apresentando-o á vista de todos.

« Constança, que estava junto do mestre, respondeu maliciosamente: — O anel é de Fernando, mas o cabelo eu não sei de quem é.

« Houve um sussurro de risadas de moças. Lucila e Julia corarão. O estudante foi buscar o anel, e ceijocou-se no cepto dos condemnados.

« Carlos e Guilherme foram os incumbidos de reproduzir as considerações feitas pela roda sobre a sua prisão.

« Fernando tinha escolhido Guilherme de proposito para o lado das moças, afim de ver se Lucila era capaz de dizer alguma cousa amorosa a seu respeito, mesmo ao proprio Guilherme — que elle já ia julgando seu rival imaginario.

« Carlos começou primeiro. Dizem que está preso: Por ter muito talento. Por ser poeta. Porque é feliz em amores. Por estar para se formar. Porque gosta muito das moças louras. Porque foi despresado. Porque é Pernambucano. Porque tem as pernas finas. Porque parece de

doras de canella. Porque é muito orgulhoso. Porque é feio.

« Guilherme começou então. Dizem as moças que está preso: Porque anda sempre triste. Porque é ingrato. Porque é sympathico. Porque é muito ciumento. Porque toca piano. Porque é bom moço. Porque faz versos á toda a moça que vê. *Porque já não é o que foi (duas vezes)*. Porque gosta muito de cocada. Porque tem o nariz grande. Porque anda sempre com o cabelo desentestado.

« Chegou a vez de Fernando preferir uma dessas lazões apresentadas sobre sua prisão, como manda o jogo.

« Elle levantou-se e disse: — Vênhão para meu logar as duas pessoas que disserão que eu estava preso *porque já não sou o que fui*.

« Erão Lucila e Julia. Tinha-se apunhalado com a mesma arma. Ambas pelo menos, segundo as suas consciencias, podião dizel-o com razão — Julia referindo-se aos 15 annos do estudante — Lucila aos ultimos tempos. Mas nem uma, nem outra fazião-lhe justiça, é verdade que por illudidas pelas apparencias.

« A primeira dizia que Fernando *já não era o que foi*, porque acreditava que elle a tinha amado em sua infancia, quando o que ella julgava amor não tinha sido senão os preludios do coração de um menino — as primeiras manifestações dessa tendencia do homem para a mulher, sem ser as descaçadas de um canto especial d'alma onde nascem as affeições apaixonadas; onde o calor dos olhos innocentes de uma menina ou de uma moça faz germinar a semente dos affectos vehementes mesmo na infancia, e faz brotar essa flor que, por falta de cuidados de quem a plantou, se fana ordinariamente aos 20 annos de um moço: — o primeiro amor.

« Julia pois, não comprehendendo naquelle tempo os arcanos do coração do homem, julgava amor o que não era senão essas emoções que se tem sempre que se vê uma mulher que achamos bonita, principalmente nas primeiras idades de nossa existência.

« A outra porém, disse-me o romancista, que o Sr. X. Y. havia de saber, sem ser necessario repetir a razão por que ella tinha dito que *Fernando já não era o que foi*, e que tambem havia de saber, que ella se enganava, porque o estudante a tinha sempre amado até então.

— Mas o romancista, perguntei eu, não explicou a proposição que emittiu — *que ellas se haviam apunhalado com a mesma arma?*

« Sim senhor, respondeu o homem do recado. Essa arma era o ciúme. Julia, comquanto estivesse profundamente convencida que Fernando amava Lucila, comtudo desde certo tempo tinha começado a julgar que elle já não a amava mais, em virtude de razões já ditas: que por consequencia, qualquer motivo que a fazia erer que o que ella acreditava despreso não passava de um *arrufo*, a magoava e a fazia soffrer muito. Eis como Lucila tinha ferido Julia. Esta por seu lado tinha enciumado aquella, porque Lucila estava persuadida que Fernando nunca tinha amado Julia, — o contrario do que deixavão revelar as palavras de Julia.

— Muito bem, estou satisfeito, disse eu.

« Feita esta digressão, proseguiu o meu homem, eu voltarei ao jogo de prendas.

« Seguirão-se as sentenças de outros, até que chegou a última, que era de Lucila. Já tinham vindo chamar para jantar, e por causa da fome com que se estava, ou porque o divertimento já ia aborrecendo, como sempre acontece no fim desses jogos, ou mesmo por attenção aos donos da casa, para que não ficasse frio o comer, a sentenciada teve de ser executada com muita pressa. A sentença a cumprir era perguntar á toda a roda — *porque gosta de mim e porque não gosta.*

« Já todos estavam de pé, alguns de caminho para a sala de jantar, e algumas velhas já aboletadas nas cabeceiras da mesa, quando Lucila parou tremula e pallida defronte de Fernando, e perguntou-lhe: — Porque gosta de mim?

— Não sei, respondeu elle; — por um *não sei* que de seus olhos pardos.

— E porque não gosta? tornou ella.

— Porque esqueceu-se de mim, respondeu Fernando em voz baixa.

« Ella não ouviu, e perguntou tristemente: — O que?

« O estudante não respondeu, mas um seu amigo repetiu a resposta que elle havia dado:

— Porque, disse este; a senhora esqueceu-se delle.

— *Eu não me esqueci*, disse ella meio-queixosa, corando, e dirigiu-se á outro.

« Estas palavras ficaram gravadas no fundo d'alma de Fernando; nunca mais se esqueceu dellas: foram talvez a maior ventura que elle gozou em sua vida, d'entre tantas que teve.

« Ficou-lhe tao agradecido, que prometeu consigo não torturar-l'ha mais com uma indifferença fingida; e regosijava-se de estar livre do seu compromettimento com Julia por causa da desistencia d'ella, para poder prometter tudo á Lucila — para poder dizer-lhe com toda a expressão pela primeira vez na vida — quanto a tinha amado — como tinha soffrido — que longas noites de insomnias tinha passado, com ella so no pensamento.

« Seguiu-se o jantar, um verdadeiro banquete. — O romancista pediu-me para lhe dizer que o descrevesse a seu modo, se lhe fizesse conta, porque havia de tudo de que falla um pamphletto que anda por ahi, intitulado — *A phisiologia do gosto, e algumas cousinhas mais especiaes das mesas do Norte do Brasil.*

Emquanto o homem do recado toma um copo de cerveja que offereci-lhe, porque vi-o; coitado! suando como um desesperado, aproveito a occasião de dizer ás minhas leitoras que desisto da descripção do jantar. Sou pouco versado na arte culinaria, e minha imaginação é fraca para crear uma mesa com as conuições exigidas.

« Eis o sujeito que acaba de enxugar o suor do rosto, virando-se para mim, e pedindo o fogo do meu charuto para acender o seu, accrescentando ao mesmo tempo:

« Como tenho muito que fazer ainda hoje, o Sr. X. Y. ha de me permittir que continue o recado.

— Pois não, meu amigo, póde fazel-o, disse

eu. Mas, á fallar a verdade, minhas leitoras, já estava cansado de ouvir-o.

O maçante sentou-se, endireitou-se na cadeira, levantou os collarinhos, e continuou.

« Durante o jantar, começoi a reconciliação. Fernando e Lucila olhárão-se muito, e pouco comerão, de tão commovidos que estavam. O estudante porém não lhe fez saude nenhuma especial; o negocio ficou em olhares.

« No *toast* fizerão-se brindes cantados. Os rapazes cantavão á saude das moças, e as moças á saude dos rapazes.

« A proposito, Sr. X. Y., interrompeu o narrador; o senhor dá licença que beba á sua saude com outro copo de cerveja?

— Essa é boa, Sr.... Como é o seu nome? perguntei-lhe eu.

— Michael Goes de Pautaleão Achilles, respondeu-me elle empinando o copo.

Comecei a desconfiar do homem. Pensei que estava caçoando commigo. Que nome extravagante! quem sabe se elle não está meio monado! dizia eu commigo.

Elle atalhou-me nas minhas reflexões.

« O champagne foi fazendo Fernando um pouco alegre, e só assim é que póde explicar-se pôr-se elle a cantar como um possesso n'uma occasião em que foi incumbido de dar os *Ips e Urrhas* no fim de um hrinde feito á Lucila.

Elle cantou esses versinhos do Sr. Moniz, da Bahia, já conhecidos nesse tempo:

Se mar e terra meus fossem
Te daria terra e mar:
Daria tudo qu' existe
Por um teu languido olhar.

Por um teu languido olhar
Dou-te da vida á metade:
Dou toda por um sorriso,
Por um beijo a eternidade.

Dou-te, sim, mulher divina,
Dou-te de boa vontade,
Por um abraço minha alma,
Por um beijo a eternidade.

« Julia foi a incumbida de cantar a sua saude, e com muita graça e feçitirice entou esse lundu popular:

A lagôa se seccou
Onde os patinhos não beber,
Não se póde ter amor
A quem não sabe agradecer.

Aqui para nós minhas leitoras, julgo que esse lundu é muito moderno, e que não podia ser conhecido no anno de 1844 em que se passavão essas scenas: — por consequencia — ou é mentira do romancista, ou bebedeira do recadeiro — ou engano meu.

« A proposito de brindes cantados, Sr. X. Y., vou beber uma saude cantada á sua senhoria. Disse-me o sujeito pondo-se em pé.

— Dispensao a cantoria, meu senhor, póde beber; mas em silencio. Gritei-lhe eu, fazendo-o parar em seu entusiasmo lyrico.

Felizmente o tal Sr. Michael Góes de Pantaleão Achylles deteve-se, e depois de esgotar a garrafa, propoz-se a proseguir; mas cambaleando-lhe as pernas, e estendeu-se *suplemente* a si no chão, em cuja queda quasi que quebrou a cabeça.

Ficou mudo e quedo: dormia profundamente. Quando estava cuidando de pô-lo sobre a minha cama, meu criado veio dizer-me que um moço me procurava; mandei-o entrar; era o romancista. Elle conheceu logo o seu encaregado de negocios mais bebado que uma cabra.

Riu-se muito, ri-me com elle: cantei-lhe tudo, e tudo era exacto. Estivemos algum tempo conversando sobre diversas cousas, até que vierão chamar-nos para jantar. Pretendemos acordar o Sr Michael, mas não foi possível.

Safimos do quarto; quando voltámos já não o achámos. — tinha-se mandado mudar. Eu então occupei-me em escrever o que tendes lido até aqui, e o romancista a escrever o que ides ler d'agora em diante.

« A noite terminou o banquete com que Carlos obsequiou a seus amigos e ás amigas de sua adorada Cecilia.

« Elle não consentiu que ninguem se retirasse, e formou improvisadamente um baile: — haviam muitos moços que tocavam diversos instrumentos — muitas moças que tocavam piano, e assim formou-se uma orchestra magnifica.

« A primeira dança que abriu o baile, foi uma valsa. Assim que a musica entou o *ai jesus* nesse tempo muito em voga, a rapaziada correu á moçaria, e houve uma confusão diabolica. Se elles tinham bebido como ordens, como não devião estar aquellas cabeças!

« Fernando appareceu no meio de um grupo que rodeava Lucila, e que discutia sobre a prioridade de seus pedidos. Todos querião dar-lhe o braço, e ella já ia cedendo aos rogos de um que realmente tinha sido o primeiro que lhe havia pedido para ser seu par, quando o estudante chegou-se á ella e disse-lhe — D. Lucila quer valsar commigo?

« O que ella sentiu, ella mesma nunca o soube explicar; mas o que ella fez, todos o virão. Sem dar satisfação, a ninguem, depoz sua mãozinha gantée no braço adorado desse moço por quem

ella morria de amores, eahi ficou protegida das impertinencias de seus apaixonados. Foi uma decepção para cada um dellas; mas ella estava no Céu junto do seu Fernando; era a mulher mais feliz deste mundo stopada em sua felicidade; jouca de prazer, nem sabia quanta dor ella estava causando neste momento. Damais, se ella estivesse em estado de reflectir nesse instante, talvez fosse peor; ella faria o mundo inteiro soffrer, para que Fernando tivesse um minuto de gozo; daria todos os cultos, todas as homenagens, todos os sacrificios dos homens — por uma só caricia de seu idolatrado poeta.

« E allentá foi, tão feliz também, para o meio da sala, levando descuidados sem mimoso parzinho de valsa.

« Sem duvida Lucila era a mocinhã mais linda do baile; devia se ter orgulho de pessiur-se o seu amor.

« Quando seus braços cingirão Fernando nesse abraço divino da valsa, acalmarão suas allições e desconfianças, como estas pastas de seda que apertão e allivião ao mesmo tempo a ferida de um guerreiro. Foi como o abraço que Milla deu em Ontougamizo, descripto no Natcher de Châteaubriand.

« Quando elle apertou a cintura de Lucila, e que seus seios virginaes de 15 annos aquecerão-lhe o coração, só quem amou aos 20 annos com loucura pôde comprehender.

« A valsa terminou, e elles sentirão-se juntos. Contarão-se tudo, acreditarão-se, desculparão-se, e quando o par da 4.^a quadrilha veio buscar Lucila, ella terminou a sua conversa dizendo em delirio: — Eu te amo muito Fernando.

« O baile terminou á meia noite. Fernando voltou também com Julia; mas foi todo de Lucila como ella tinha sido toda d'elle.

« A meia hora da madrugada muitos carros e cavalleiros corrião pela estrada do Mouteiro em busca da cidade.

« Um moço á cavallo ia ao lado do ultimo carro. Era Fernando que acompanhava o carro de Lucila, onde ião também Constança e Julia.

« Eis-nos finalmente minhas leitoras no fim do capitulo VIII.

(Continia.)
X. Y.

POESSIA.

Sê fóras, Delmiro, estrella brilhante,
Sómente teu disco quizera adorar;
Se fóras da praia conchinha mimosa,
Mil beijos ardentes havia te dar.

Se fóras do bosque o cantor fagueiro,
Teus carnes divinos havia escutar;

Se fóras pastor que a lyra tangesse,
Ao doce som della havia cantar.

Se fóras das flores a flor mais mimosa,
Jámais mãos impuras te haviam tocar;
Se fóras do Céu um anjo formoso,
Diurna homenagem te havia ofertar.

Se fôras do infante a graça inóccente,
Meu prazer, meu riso, farias brilhar;
Se fôras do bosque saudoso regato,
Só tu minha sêde havias faltar.

Mas não és estrella, nem ave, nem flor,
Regato do bosque, menino a brincar;
Mas tu és o homem a quem idolatro,
Que amor em meu peito soubeste inspirar.

C. M.

NÃO DIGO.

Donzella formôsa, que pedes, que exiges,
Que buscas saber?

Não peças, nem rogues;—um vago receio
Me diz que não diga as cousas que o seio
Não sabe dizer.

Perguntas-me a causa da negra amargura
Que o peito me opprime, nos lábios transluz?
Responda-te o lyrio no calix pendente;
Que mirra é defluida, sem agua e sem luz.

As dores que occulto, que tes em meu rosto,
Em meu coração,

Saber se tu quêres: ao triste lamento
Dos mares pergunta;—ao gelido vento
Do negro tufão.

A' rôla que expira saudosa de amores,
A' pomba que anhela até suffocar,
Pergunta se podem desejos immensos,
Se podem saudades amargas matar.

Não peças nem rogues: se tento do mundo
Dos homens fugir,
E' que sinto dentro do peito fremente
Já proximo o termo da inagoa pungente
Em breve porvir.

E choras e pedes-me o nome que levo
Gravado no fundo do meu coração?
Respondão-te os echos saudosos dos montes
Que o dizem, repetem na ampla sôfão.

Ai! possa o teu anjo da guarda formoso,
Teu anjo d'amor,
O livro esconder-te dos vagos delirios,
A estrada cobrir-te de rosas e lyrios
Da vida no albor.

E possa o abysmo transpor da existencia
Nas azas divinas do feu cherubim;
Librada entre nuvens que o mundo te escondão
Em nuvens de flores, de aromas sem fim.

Donzella inclemente, que mais em minha alma
Procuras saber,

Fitando-me os olhos?—Um vago receio
Me diz que não diga as cousas que o seio
Não pôde dizer.

BOLETIM MUSICAL.

Justa censura nos coubera, se não consagra-
semos muito particularmente algumas linhas á
musica do funeral que teve logar em S. Fran-
cisco de Paula no dia 4 do corrente, sendo este
jornal o órgão dos progressos e da civilização do
sexo feminino, e sendo a musica uma das prendas
mais apreciadas, e que mais concorre para inte-
ressar o mundo elegante em perennes adorações
pelas senhoras que o attrahem pela suavidade da
voz, pelo gosto e bellezas da expressão, ou final-
mente pelo brilliantismo de execução instrumen-
tal. Realmente a musica é a mais expressiva
linguagem das paixões, das inspirações sublimes,
e do mais elevado sentimentalismo. E' uma lin-
guagem universal; sua patria é o mundo inteiro,
e por isso entendemos que os mestres de tão de-
licada arte não podem ter exclusivismo de na-
cionalidade, e que devem mesmo rir-se de quem
lha queira attribuir. E' assim que queremos
dar ao maestro Giannini o titulo de nosso concida-
dão, no que certamente nenhuma senhora se

recusará em acompanhar a obscura autora deste
escripto.

Dissomos em outro artigo o que nos foi possi-
vel observar assistindo ás pomposas exequias da
chorada Rainha de Portugal, e reservamos-nos
de tratar então da musica, para fazel-o com mais
particularidade.

Bem conhecida é a musica do nosso insigne
compositor José Mauricio, cujos pensamentos
ouvimos em bem combinadas harmonias nas
vesperas que se celebrarão na noite do dia 5. No
dia seguinte, porém, ficámos impressionada pela
novidade do gosto, e pelo excellentê effeito pro-
duzido por um antigo instrumento que o Sr.
Giannini faz renascer nas orchestras em musicas
funerarias. Queremos fallar do Gong, ou Tan-
tan, instrumento que as nossas leitoras ouvirão
já muitas vezes na representação da opera—
Norma— Este instrumento foi inventado e usa-
do pelos Israelitas, que delle se servião nos offi-
cios dos mortos; e que passando por successivos

aperfeiçoamentos chegou a ser convertido em sino, cuja fôrma e usos são bem conhecidos.

No dia 4 foi executada, no officio funebre, a musica do celebre *Santushi*, que nos consta ter sido o mestre do Sr. Giannini, mas este Sr. addicionou á esta composição uma introdução ou menia, musica de magnifico effeito e de bellas inspiraçoens, na qual fez ouvir o *Tan-tan*, á imitação dos antigos que fazião soar nelle tantas pancadas quantos erão os annos de idade da pessoa fallecida.

O som lugubre deste instrumento presta-se quanto é possivel desejar-se ás musicas funerarias; e produziu por isso effeito admiravel combinado com a força do instrumental da orchestra.

Emittingo nosso fraco juizo sobre este instrumento seja-nos permittido contrariar a opinião que ouvimos de não ser o *Tan-tan* próprio para musica religiosa por ser um instrumento profano; e pensamos ter razão de assim não entender emquanto se nos não provar qual o instrumento de uma orchestra de exclusivo emprego na musica dos templos.

Por nossa parte felicitamos o autor pelo feliz effeito produzido pelo seu pensamento: nem podia ser elle desagradavel, pois que a musica tanto

mais agrada e prende a attenção quanto mais ella nos parece appropriada ao sentimento que deve exprimir ou á que se refere; e por isso em musica lugubre o *Tan-tan* concorrerá sempre para tornar as composições appropriadas a tal assumpto, do mesmo modo que todos os outros instrumentos causão particular interesse sempre que são empregados convenientemente em uma orchestra harmonisando-se ou succedendo-se á tempo e segundo o gosto e estylo das composições.

A expressão musical não tem menos preceitos, nem exige menos gosto do que o emprego da palavra nas orações: ambas exprimem pensamentos; idéas e sentimentos; e a eloquencia e belleza da dicção está em ambas sujeita a regras como a expressão agradável depende do bom gosto e da graça do executor ou do orador.

Perdoem-nos as nossas leitoras que pretendemos fazer uma prelecção de rhetorica, ainda que não tenhamos feito mais do que reproduzir lições que recebemos, e que nós pareceu ter aqui algum cabimento para justificar o emprego do *Tan-tan*, se tal justificação é necessaria depois de haver agradado tanto.

Alina.

BOLETIM DOS THEATROS.

Francas aos apreciadores do drama estiverão abertas as portas do theatro de S. Pedro de Alcantara, na noite de domingo, 5 do corrente; e comquanto poucos dias antes a *Gargalhada* tivessê feito as horas da scena, em seguida ao *S. Tropez*, domingo, em sua repetição, obteve a mesma enchente primitiva.

Muito ao facto do enredo e cathogoria desse drama está o publico, para que valha a pena ao chronista expender aqui suas reflexões na descripção desse monstro dramatico, pois que, a não ser o Sr. André, bem poderia o Sr. Jacques Arago buscar outro officio.

Os artistas dramaticos são de existencia ephemera em nosso paiz, pois que no grande theatro da vida em que apenas nos apparecem, assumindo ao proscenio da existencia, somem-se rapidamente nos bastidores das campas, como se estivessem a representar as mutações que o dramaturgo arbitrou sobre as taboinhas do palco.

Após todos esses que lá têm ido caminho do Cajú e Campo Santo, acaba de deixar-nos tambem o Sr. José Candido da Silva, artista de mão cheia, e páo para toda a obra (como lá dizem); e, honra lhe seja feita, distincto em todos os caracteres que representava.

Ahi estão os contrastes de um Mala-Testa a um Mudarra, e deste a Lourenço, etc.

Morreu pois o Sr. José Candido da Silva, e sua falta entre os vivos ficará sempre em lacuna. Em prol dos seus orfãos e desvalidos filhos teve logar a *Graca de Deus*, terça feira 7; sua execução foi boa.

Em triplíce repetição vai hoje a *Gargalhada* á scena no theatro de Santa Thereza.

Corre em letra redonda a noticia da retirada do Sr. Joaquim Augusto, da companhia dramatica de S. Pedro; alheios ás razões que levirão o Sr. Joaquim Augusto á sua demissão, nada podemos expender; mas cumpre-nos dizer que dess'arte em breve o Sr. João Caetano terá de representar só.

Continua a enxaqueca maligna na cabeça do Provisorio, que nem dá signaes de vida; aconsellamos á directoria os meios hygienicos de Le Roy, pois que o monstro enfermo expurgado de suas mazelas poderá salvar-se ás garras dessa apoplexia que ameaça-lhe o passamento.

Nem era de esperar mais alento aos membros estrangulados desse aborto, quando os artistas de ha muito lhe entoavão o — *de profundis*.

O *Tympano*.

Acompanha este n.º 11 uma Estampa com figurinos de baile e de passeio.

